

27 MAI 2004

BASE ALIADA

Ainda inconformado pela rejeição da emenda que permitiria sua reeleição, presidente do Senado queixa-se de que está isolado no partido e abandonado pelo governo

A Federal

Sarney desabafa suas mágoas

RUDOLFO LAGO

DA EQUIPE DO CORREIO

Os gestos protocolares esconderam os sentimentos revelados aos amigos mais íntimos. Em duas cerimônias públicas, o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), procurou desfazer as suspeitas de que estava magoado com a derrota da emenda constitucional que permitiria a sua reeleição e a do presidente da Câmara, João Paulo Cunha (PT-SP). Na noite de terça-feira, durante jantar que ofereceu em sua casa para homenagear ao ex-ministro Maurício Corrêa, que se aposentou do Supremo Tribunal Federal, Sarney deixou-se fotografar apertando a mão do líder do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL). Ontem, na assinatura de um convênio do Senado com a Casa Civil da Presidência, desmanchou-se em elogios ao ministro José Dirceu. Sarney tem declarado que a questão da reeleição é página virada, superada. De acordo com um aliado do presidente do Senado, porém, longe do público, nas conversas reservadas, ele não esconde que está ainda magoado.

“Agora, quem manda no partido é o Renan”. Essa é a frase que os amigos mais têm ouvido de Sarney depois da derrota da emenda da reeleição, a cada conversa sobre a defesa de algum interesse do PMDB no governo. Sarney deixa claro aos aliados que não pretende pedir ou reivindicar coisas ao governo por agora. Reclama que se sente deslocado no PMDB. Do governo, diz que esperava algum gesto de apoio, depois de tudo o que fez para ajudar.

A sensação repete-se com João Paulo Cunha na Câmara. E preocupa o governo. Os líderes governistas temem que esse clima de

mágoa contamine as votações no Congresso. A decisão de adiar a votação da medida provisória que fixa em R\$ 260 o valor do salário mínimo é reflexo disso. A situação, porém, é paradoxal. Ao mesmo tempo em que não há clima para se colocar o salário mínimo por enquanto em votação, o adiamento também representa perigo. Por conta do feriado de Corpus Christie, os líderes já calculam que a MP só será colocada em votação em meados de junho. A cada adiamento, mais o assun-

to irá se misturar aos discursos das eleições municipais. E mais difícil ficará arranjar aliados para manter os R\$ 260.

Passo possível

Também aos amigos, Renan Calheiros tem dito que, por enquanto, nada pode fazer para melhorar o clima. O tempo é que fará a poeira baixar. O gesto público de ter ido ao jantar oferecido por Sarney a Maurício Corrêa foi o passo possível. Com a casa cheia, os dois não tiveram oportu-

nidade de conversar mais tarde. Nem houve essa tentativa. “Dou-me muito bem com Sarney”, observou Calheiros, recebido, amistosamente, pelo presidente do Congresso.

“Foi um jantar de confraternização para Maurício Corrêa”, disse Sarney. “Estou alimentando as novas vocações políticas”, brincou. Maurício Corrêa tem sido cortejado por vários partidos para voltar à vida pública no Distrito Federal. Uma das hipóteses é filiar-se ao PMDB para fazer do-

bradinha com o governador Joaquim Roriz. Corrêa disputaria a sucessão do governador, enquanto Roriz concorreria à Câmara dos Deputados. Nove mesas com nomes dos principais rivais do país foram montadas para o jantar, que teve codornas como prato principal. Calheiros ficou numa mesa ao lado de Sarney que, além de Renan, convidou para o jantar apenas senadores mais próximos a ele, como Tasso Jereissati (PSDB-CE) e Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA).



APESAR DOS ELOGIOS QUE DEDICOU ONTEM AO MINISTRO JOSÉ DIRCEU, SARNEY RECLAMA DA FALTA DE APOIO DO GOVERNO NA LUTA POR UM NOVO MANDATO